

Humanismo dialético: um pontapé inicial

Dialectical humanism: a kickstart

Guttenberg Falconi de Carvalho Neto¹ 

1. Estudante de Psicologia
Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: guttenberg.f.c.neto@gmail.com

Dossiê - Abordagem Centrada na Pessoa: Ciência e Profissão

Resumo:

Este artigo trata-se de uma empreitada metacientífica, buscando as bases da construção de um diálogo entre a Abordagem Centrada na Pessoa e o marxismo, através do método dialético de Marx. Argumenta-se que este diálogo não apenas é coerente com os princípios humanistas, mas configura-se como necessário enquanto continuidade do projeto rogeriano de uma Abordagem Centrada na Pessoa, que perpassa uma dimensão ético-política em sua fase inter-humana, bem como é uma necessidade histórica, mediante a tendência da ACP de integrar-se a pautas neoliberais. Para fins de estabelecer bases epistemológicas que fomentem tal diálogo, o artigo lança mão de uma explanação breve sobre o método dialético. Em seguida, debruça-se sobre a visão de pessoa do pensamento marxista, em especial, a tradição marxista humanista, traçando conexões entre sua perspectiva e a de Carl Rogers. Por fim, analisa-se, através do método dialético, o fenômeno da relação terapêutica enquanto grupo de duas pessoas, um todo composto por opostos necessários, e, portanto, passível de uma análise dialética.

Palavras-chave: Abordagem centrada na pessoa; Dialética; Psicologia humanista.

Abstract:

The following article consists of a meta-scientific venture in search of the basis for the construction of a dialogue between the Person-Centered Approach and Marxism, as mediated by Marx's dialectical method. It is argued that such a dialogue is not only coherent with humanist principles, but entirely necessary in the continuity of the rogerian project of a Person-Centered Approach, which is inherently political as of its inter-human phase, as well as a historical necessity, given the Person-Centered Approach's tendency to integrate itself into neoliberal discourse. In an effort to establish the epistemological basis of such a dialogue, this article provides a brief explanation of the dialectical method. Afterwards, the article dives into the marxist concept of the person, focusing especially on the humanist marxist movement, articulating connections between its work and that of Carl Rogers. Finally, the phenomenon of the therapeutic relation is analyzed as a 'group of two', a whole composed of necessary opposites, and, therefore, able to be analyzed dialectically.

Palavras-chave: Person-centered approach; Dialectics; Humanistic psychology.

Introdução: Por quê e por que não marxismo?

A psicologia rogeriana manteve, desde sua gênese, uma distância bastante evidente do marxismo¹, ambos enquanto paradigma científico e projeto político. Para além das aproximações e contatos de Rogers com indivíduos marxistas em um vácuo, incluindo suas visitas à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (Rogers, 1987), o pensamento rogeriano, em suas colocações, flutua entre indiferente e hostil ao marxismo. Sem que nos demoremos nos comentários de Rogers acerca das experiências socialistas de sua época, a imagem geral pintada pelo psicólogo americano é a do socialismo marxista como potencialmente perigoso (Rogers, 1990), autoritário, centralmente estatal, e produtor de uma subjetividade incompatível com a perspectiva humanista de uma nova pessoa (Rogers, 2022a).

A despeito disso, ou, talvez, justamente por isso, Marx e autores marxistas raramente são objetos do interesse da psicologia rogeriana, e quando o são, seu marxismo parece desaparecer. Em seu capítulo acerca das semelhanças de seu trabalho com o de Paulo Freire, por exemplo, Rogers (2022a) não menciona ou cita Marx uma única vez, um padrão que se repete no trabalho de alguns pós-rogerianos, que insistem em tratar o marxismo de Freire como elemento de valor secundário (O'hara, 1996), ou limitam Freire a um possuidor de “inclinações marxistas” (Castelo Branco *et. al.* 2017). Tendo em vista a inegável relevância da teoria marxista para o desenrolar histórico, científico e político do século XX, a Abordagem Centrada na Pessoa parece sofrer de um problema de incongruência, em que o marxismo existe, mas sem que seja necessária uma tomada de consciência sobre o mesmo.

¹ No presente artigo, empregam-se os termos “marxismo”, “marxista” e “marxiano” para descrever fenômenos distintos. É interessante que os diferenciemos. “Marxismo” e “Marxista” dizem respeito às produções que levam adiante o projeto político e filosófico de Karl Marx e Friedrich Engels, perpassando uma variedade de autores posteriores aos fundadores da tradição. Usa-se, em contraste, o termo “Marxiano” para falar do que diz respeito às produções de Karl Marx, restritas à sua obra e apenas a ela.

Há, todavia, precedentes, ainda que escassos, para a construção de um diálogo entre o marxismo e a psicologia humanista. Lethbridge (1986) dispõe-se à articulação de uma teoria marxista da autorrealização, através de diálogos com a psicologia histórico-cultural de Vigotski e Leontiev. Freire (1988) realiza uma retrospectiva crítica da obra de Carl Rogers, através da ótica do materialismo dialético e da realidade latino-americana. Cooper (2006) enxerga o socialismo como um contrapeso necessário para o humanismo da Abordagem Centrada na Pessoa, compreendendo as duas perspectivas como complementares e mutuamente necessárias, afirmando:

“o socialismo provém uma corretiva essencial para o humanismo. Ao transcender uma perspectiva individualista e reconhecer a natureza socialmente integrada de nossa existência, ele pode começar a reconhecer o problema da desigualdade de oportunidades em nossa sociedade, bem como o complexo dilema da relação entre minhas necessidades e as de outrem. Aqui, uma abordagem humanística torna-se algo muito além de um veículo para auto-afirmação individual, tornando-se um meio de criar mais oportunidades para todos, de maneira socialmente justa. (tradução autoral, p. 87)

Cooper (idem, ibidem) salienta a necessidade de tal corretiva, tendo em vista uma tendência da Abordagem Centrada na Pessoa de se aproximar de conceitos neoliberais e de reforçá-los numa narrativa de excelência pessoal meritocrática.

As preocupações de Cooper (op. cit.), nos parece, não são infundadas, tendo em vista a ligação intrínseca da psicologia humanista, enquanto movimento historicamente situado, com os ideais liberais do capitalismo americano, resultando, por exemplo, em um conceito de liberdade abstrato, subjetivo e solipsista, profundamente alheio à opressão de classes que priva os indivíduos de uma liberdade concreta no mundo material (Leitão, 1990).

Tão próximos estão os conceitos basilares da teoria rogeriana do ideário liberal que Kinget (1977) tomou por necessário dedicar-se a explicar as diferenças entre o *laissez-faire* liberal e o conceito de não-diretividade em Rogers.

A complexidade do problema aprofunda-se, ainda, quando consideramos o propósito profundamente político que Rogers assumiu durante sua fase inter-humana (Moreira, 2010). De fato, são as próprias preocupações de Rogers com a dimensão política de seu trabalho que o levam à comparação de seu método educacional ao de Paulo Freire, salientando seu trabalho com o público oprimido e o potencial revolucionário de uma intervenção centrada na pessoa (Rogers, 2022a). Contudo, Rogers oferece uma leitura rasa de Freire, comparando seu método grosseiramente ao do patrono da educação brasileira, sem digerir a dimensão de classes da pedagogia do oprimido, aniquilando-a conceitual e ideologicamente (Fonseca, 1983).

Torna-se, portanto, evidente que o ponto-cego que a distância do marxismo deixa na obra rogeriana prova-se ativamente prejudicial para seus próprios objetivos políticos de atualização humana, ao passo de que relega a teoria a uma perspectiva a-histórica e anti-dialética em seus conceitos mais basilares (Freire, 1988). O resultado não poderia ser outro: o humanismo rogeriano se aparelha ao redor da perspectiva da classe média branca norte-americana (Wood, 2020), trabalhando a partir de perspectivas incompatíveis com a realidade concreta da América Latina (Fonseca, op. cit). É, portanto, justamente em decorrência da aparente distância entre as duas perspectivas, somada ao seu objetivo comum de um projeto de atualização humana, que o contato do marxismo com a abordagem centrada na pessoa é mister, constituindo o objetivo principal do presente artigo.

Para fomentar uma compreensão mais aprofundada das confluências entre a visão de mundo da Abordagem Centrada na Pessoa e a filosofia marxista, apresentaremos um panorama do método marxiano, o método dialético. Após isto, esboçaremos uma síntese do conceito do gênero humano de acordo com a tradição marxista humanista, delineando pontos de contato com a Abordagem Centrada na Pessoa ao longo desta exposição. Posteriormente, interpretaremos o fenômeno da relação terapêutica enquanto relação humana à luz da dialética marxista. Estes temas foram selecionados para análise devido à centralidade que lhes é atribuída na teoria de Rogers (Castelo Branco; Cirino, 2023a), bem como para possibilitar uma análise do universal — a relação humana — e do particular — a pessoa — como mutuamente determinados e dialeticamente implicados (Lavoura, 2018).

Este artigo, portanto, pode e deve ser considerado uma apropriação metacientífica (Pongratz *apud* Castelo Branco; Quirino, 2023b) da obra de Rogers, na medida em que busca traçar conexões para além do que se vê presente no trabalho do psicólogo americano.

O método dialético

É importante, mediante o propósito da subsequente exposição, atentar para certa ausência de rigidez no que concerne ao método dialético. De fato, definir a dialética de forma mecanicista e inflexível pôr-se-ia contra os princípios da própria dialética, uma vez que o método pressupõe uma descrição do objeto decorrente do contato do sujeito com o mesmo em sua realidade material, em contato com suas vicissitudes e contradições concretas, e não a partir de uma categorização apriorística e idealista (Carone, 1984).

A epistemologia marxista, influenciada por Hegel e observada nos trabalhos econômicos de Marx (Fausto, 2021), baseia-se no conceito hegeliano de crítica imanente, onde as contradições internas e necessárias ao conceito denunciar-se-ão à consciência através do uso da razão. Consiste, portanto, na comparação do objeto consigo mesmo, a partir do qual determina-se as potencialidades intrínsecas a este objeto, seu negativo necessário e seu positivo especulativo (Repa, 2019).

Ao observarmos uma categoria, nos defrontamos com seu negativo necessário, aquilo que não é, mas do qual depende, uma vez que sua existência é contingente da existência de seu oposto e vice-versa (Wolf, 2016). Nisto consiste o que Engels (2015) chama a interpenetração dos opostos, isto é, o princípio de plena interdependência das partes do todo, que se determinam mutuamente (Gadotti, 1990), e que consiste em uma das leis fundamentais da dialética.

As leis da dialética materialista são, conforme Gadotti (*idem, ibidem*): o princípio da totalidade, ou da interdependência dos opostos, que determina a natureza como um todo coeso, do qual não se podem isolar fenômenos e conservá-los neste isolamento; o princípio do movimento, ou da transformação constante, que determina a qualidade móvel da natureza, em desenvolvimento constante; o princípio da mudança qualitativa, que determina o progresso qualitativo como definido por “saltos”, atingidos através do acúmulo de instâncias quantitativas; o princípio da contradição, ou da unidade e luta dos contrários, que determina a contradição como existente no interior de qualquer categoria, material ou espiritual, no universo, sendo o confronto entre as partes que compõem esta contradição o motor de seu movimento.

O movimento dialético, portanto, consiste num retorno do ente a si através de seu oposto, um movimento de retorno a si que configura um avanço circular, uma vez que o retorno a si implica, necessariamente, num retorno ao outro como não-ente. Este processo de movimento e contradição não é perpétuo, mas culmina, através do acúmulo quantitativo de instâncias, na supressão (*Aufheben*), isto é, a negação da negação na forma de um salto qualitativo, um novo todo que nega as partes que o compõem, na medida em que é qualitativamente diferente delas, mas, ao mesmo tempo, as preserva em si, e as eleva, no sentido de representar uma transcendência das mesmas. Em Hegel, a supressão constitui uma fase nova do percurso do espírito, o positivo especulativo, a partir do qual dá-se por completo o movimento (Wolf, *op. cit.*). Ataíde (2016) exemplifica a fase de supressão através da relação do pão com seus ingredientes:

Para fazer um pão é necessário trigo, o qual se encontra em sua forma bruta na natureza. Mas para que ele chegue à forma de pão, essa matéria-prima deve ser negada, destruída em sua forma natural. No entanto, ao ser transformado em pasta, o trigo é preservado, ou seja, ainda está lá enquanto trigo. Através da atividade humana ele é então levado ao forno e elevado a um nível superior, sendo o seu resultado o pão. Assim, neste processo vemos os três momentos: o trigo é negado (em seu estado de natureza), preservado e elevado a um nível superior. O trabalho humano é essencialmente dialético. (Ataíde, id, *ibidem*)

Tendo em vista o exposto, o método dialético configura-se como uma ferramenta útil para a análise de fenômenos em sua relação com o mundo, levando em conta seu movimento enquanto categorias em desenvolvimento constante. Fomenta, também, possibilidades de análise do indivíduo enquanto construção e construtor de seu meio, sobre a qual debruçar-nos-emos em seguida.

O marxismo humanista e a pessoa em movimento

Apresentar um panorama completo da visão marxista da pessoa não representa uma tarefa simples, para não dizer impossível. A relevância do pensamento de Marx trouxe consigo uma miríade de comentadores, seguidores e continuadores de sua obra, um fato que por si só coloca em xeque a ideia de que exista *uma* “visão marxista” sobre qualquer coisa. Tendo isso em mente, nos limitaremos a apresentar uma visão de mundo que julgamos relativamente coesa, ancorada no pensamento de autores pertencentes à tradição marxista humanista, tendo em vista o encontro fugaz de Rogers com um dos mais importantes representantes desta tradição, Paulo Freire (Rogers, 2022a). Assim sendo, apresentaremos, de forma sintética, os conceitos fundamentais para pensar a pessoa sob o prisma do marxismo humanista, articulando-o com as premissas da psicologia rogeriana quando conveniente, de forma a ilustrar suas proximidades e divergências.

Começemos por uma afirmação, tão elementar quanto rica: nada é fixo, tudo está em constante mudança; nisto consiste uma das bases da dialética hegeliana, incorporada pela filosofia marxista (Engels, 2015). Sob esta perspectiva, a pessoa, portanto, é similarmente móvel — biológica, social e psicologicamente —, em movimento espaço-temporal e cultural constante: um ser histórico, social e criativo, grande demais para ser capturado pela concepção positivista de ser-humano, limitada pela epistemologia descritiva de seu empirismo rígido (Lane, 1984). Consideramos, para tanto, precisa e coerente com a visão marxista-humanista a descrição de Sawaia (2007) da pessoa, segundo a psicologia laneana, de base materialista dialética:

um indivíduo por inteiro, sem suturas, tolhido (em sua particularidade social) pelas determinações sociais e consciente delas, porém com capacidade (em sua universalidade) de alterar a totalidade social, de criar novas idéias e formas de existência, associando-se a outros em busca da liberdade e da felicidade para todos, a despeito de todo o esforço despendido pela história e pela cultura. (p. 82).

Similarmente, Rogers apresenta uma visão da pessoa enquanto um ser que, em funcionamento pleno, é profundamente processual (Rogers, 2009b). Este ser, por natureza, ultrapassa as capacidades de compreensão do positivismo científico, sendo necessária, para a tarefa de compreendê-lo, a adoção de um paradigma contra-hegemônico de ciência (Castelo Branco; Cirino, 2022).

Este ser humano em movimento é, ainda, essencialmente produtivo. O ser humano realiza sua essência (*Wesen*) e retorna a ela através da produção, da manifestação de sua vontade no mundo (Fromm, 1964), constituindo sua atividade como legitimamente humana. O ser humano, através do trabalho — não o labor assalariado, mas a interação transformadora com a natureza —, humaniza-se a si mesmo, em um processo histórico único entre as criaturas (Marx, 1964). A relação humanizadora entre o fazer e o tornar-se está melhor expressa no seguinte exemplo:

Se se deseja influenciar uma pessoa, é preciso ser-se uma pessoa realmente dotada de efeito estimulador e encorajador nas outras. Cada uma das relações da gente com o homem e a natureza tem de ser uma expressão específica correspondente ao objeto escolhido, escolhido por nossa vida individual real. Se uma pessoa ama sem inspirar amor, isto é, se não é capaz, ao manifestar-se uma pessoa amável, de tornar-se amada, então o amor dela é impotente e uma desgraça. (Marx, *apud* Fromm, op. cit., p. 39)

O processo de transformação da natureza, bem como o amor, apenas vê-se completo mediante a possibilidade de um retorno a si, sem o qual o indivíduo encontra-se alienado de sua produção. A natureza humana encontra-se, portanto, intrinsecamente ligada à atividade e à produção enquanto forma de retorno à essência, estando tal essência tolhida sob o modo de produção capitalista (Mendonça de Moura, 2019). O processo de tornar-se humano, é, portanto, um processo ativo e criativo de transformação, que sucede a nível de espécie tanto quanto a nível de indivíduo.

Pode-se, portanto, compreender o socialismo como uma movimentação organísmica no mundo externo com raízes profundamente existenciais, cujo objetivo último é, similarmente à psicoterapia, segundo Rogers (2020), um tornar-se mais unificado daquilo que realmente se é. Todavia, transcendendo o individualismo, o socialismo constitui não uma ação de integração individual, mas configura-se como um movimento do humano enquanto ente-espécie (Marx, 1964). Explicita-se que, ao usar do termo “movimentação organísmica”, sugere-se uma terminologia que descreva o agir-no-mundo em sua subjetividade particular e em sua objetividade conceitual, sem que haja a necessidade de separá-los artificialmente.

Este indivíduo produtivo e móvel relaciona-se com os objetos na medida em que se apropria deles. Os objetos externos à subjetividade da pessoa só podem ser conhecidos a partir de sua experiência subjetiva, constituindo uma realidade própria, sendo, portanto, impossível falar de realidade sem falar do gênero humano (Freire, 2019). Similarmente, Rogers estabelece um conceito de realidade desvinculado de uma perspectiva

externalista, sendo real para o sujeito aquilo que está disponível à sua experiência, ou seja, aquilo que está presente em seu campo fenomenológico (Rogers, 1977), havendo tantas realidades quanto há sujeitos (Rogers, 1990). As duas perspectivas divergem, portanto, na medida em que estabelece-se, em Marx, uma aposta na realidade dos objetos através do que Fromm (1964) denomina “amor”. Através deste amor, esta aposta radical na realidade a ser transformada e nas pessoas dispostas a transformá-la, o indivíduo deixa de compreender a substância externa como uma existência impositiva a ser aceita, compreendendo-a, em vez disso, como o que Freire (2019) chama situação-limite, um problema a ser resolvido, um passo necessário enquanto momento do vir-a-ser humano.

Para tanto, é necessário que o sujeito revolucionário esboce uma profunda fé na capacidade humana da classe trabalhadora, um “amor” que não o leve a um seguidismo cego nem a um autoritarismo rígido. Bem como Rogers estabelece uma confiança intransigente na capacidade do indivíduo de tomar as rédeas de sua experiência num tempo que lhe seja organicamente confortável, a visão marxista da pessoa é uma que depende, para sua realização em prática, deste profundo amor. Sobre isto, nos diz Guevara (2022):

Nessas condições deve-se ter grande dose de humanidade, grande dose de sentimento de justiça e de verdade para não cair em extremos dogmáticos, em escolasticismos frios, em isolamento das massas. Todos os dias deve-se lutar para que esse amor à humanidade viva se transforme em fatos concretos, em atos que sirvam de exemplos, de mobilização. (p. 325)

Parece-nos, dado o exposto, que os princípios humanistas desenvolvidos por Rogers, de um sujeito revolucionário, complexo e

confiável, profundamente socializado e capaz de unir-se a seus semelhantes para a realização da ação política transformadora contra a opressão (Rogers, 2022a), encontram-se com o marxismo humanista de forma quase natural.

Diferenciam-se, todavia, na medida em que Rogers parece ter certa dificuldade em elaborar em seu conceito de pessoa a possibilidade de uma mudança sistêmica num plano mais complexo e estrutural, lhe sendo caro o conceito de “Revolução silenciosa” para a ação política (Feitosa; Castelo Branco; Vieira, 2017).

Todavia, acreditamos que tais diferenças não representam pontos irreconciliáveis, como pensava Rogers (2022b), sendo a visão marxista da pessoa plenamente compatível com os ideais da abordagem rogeriana.

Uma dialética da relação terapêutica

No que concerne à análise da relação terapêutica, é interessante chamar atenção ao uso dos termos “Facilitador” e “Facilitando”, que foram escolhidos como substitutos dos termos “Terapeuta” e “Cliente”, respectivamente, para os propósitos desta análise. Os termos foram escolhidos por algumas razões: uma vez que o termo “facilitador” é comumente utilizado na psicologia rogeriana, em especial em seu trabalho com grupos (Rogers, 2009a), pareceu fazer sentido usá-lo em conjunto com o termo “facilitando” para descrever os lugares singulares das partes da relação terapêutica para além da ótica comercial e profissional implicada pelo uso dos termos “cliente” e “terapeuta”. Ademais, a escolha dos termos faz eco ao trabalho pedagógico de Paulo Freire, e a seu uso dos termos “Educador” e “Educando” num contexto de aprendizado, visando uma dissolução da ótica bancária da sala de aula, e permitindo o movimento dos conceitos que é qualidade intrínseca à dialética (Gadotti, 2006).

O resgate feito por Wood (*op. cit.*) da relação terapêutica como pedra de toque da Abordagem Centrada na Pessoa, e sua classificação como um “grupo de duas pessoas” (Moreira; Landim; Romcy, 2014), são essenciais para pensarmos o facilitador e o facilitando como partes constituintes de um mesmo todo, e, portanto, passíveis de uma análise dialética enquanto opostos necessários deste todo. De acordo com Wood (*op. cit.*), cliente e terapeuta não possuem, entre si, uma relação terapêutica, eles *são* a relação terapêutica, enquanto todo qualitativamente distinto da soma de suas partes:

Diminuindo a distinção “Eu-Tu”, juntos, cliente e terapeuta prestam uma atenção extremamente acurada aos sentimentos do cliente (e ocasionalmente aos sentimentos do terapeuta). [...] Por outro lado, ao alegar que “proporciona uma atmosfera” ou “cria um ambiente” através unicamente de sua atitude, o terapeuta subestima grandemente o seu papel. Não é *ele* que cria um ambiente; é *ele e o cliente e a situação que são* o ambiente. Ele não cria um relacionamento; *ele e o cliente são* o relacionamento. [...] (p. 214)

Neste todo, e apenas mediante a existência deste todo, estabelecem-se as partes, opostas e em conflito, definidas em relação uma com a outra, e, contudo, interpenetradas: Facilitador-facilitando e Facilitando-facilitador. O facilitando apenas é facilitando por possuir um facilitador, e o facilitador apenas o é mediante a existência de um facilitando. Os dois constituem, portanto, partes complementares, em contradição, do mesmo todo — a relação terapêutica —, a partir do confronto das quais, o todo alcançará movimentos de retorno a si, que culminam numa suprassunção (*aufhebung*). Tal suprassunção ocorre enquanto salto qualitativo decorrente do processo quantitativo que são os encontros, únicos temporalmente, mas que, no

tempo hábil para os organismos neste encontro, criam algo qualitativamente distinto.

Tomemos, todavia, cuidado para não compreender o confronto como uma situação obrigatoriamente conflituosa, de embate a partir da exposição de forças em sentidos contrários. A posição do facilitador enquanto contrário dialético do facilitando é algo que independe de uma performance, sendo algo intrínseco à relação mesma, e que manifesta-se quando o facilitador dispõe-se enquanto Outro do facilitando, constituindo-se enquanto qualidade *sine qua non* da psicoterapia.

A existência do facilitador e facilitando como opostos na relação é identificável, por exemplo, em duas das seis condições necessárias e suficientes para a mudança positiva da personalidade, como expostas por Rogers (2022b), sendo necessário que o terapeuta esteja, ou faça um esforço consciente de estar, congruente com sua experiência, e que o cliente esteja em um estado de incongruência experiencial. Delineia-se, ainda, que a congruência do facilitador diz respeito ao reconhecimento de suas mobilizações durante a relação terapêutica, e, portanto, passa a existir no momento que a relação é criada, como oposto dialético da incongruência do facilitando, e que diz respeito à sua presença no todo.

Divergindo da perspectiva apresentada pelo conceito da relação entre duas subjetividades, ou, como Castelo Branco (2023b) as descreve, “uma comunicação intrassubjetiva de mônadas” (p.141), ancorado em sua comunalidade, o processo dialético descreve o movimento como ocorrendo entre dois opostos, definidos pelo que não são — um ao outro, mediante sua existência em um mesmo todo. Todavia, como opostos numa relação dialética, tendem a desempenhar os papéis um do outro. Isso significa que o

encontro não apenas cria as categorias de facilitando e facilitador, mas os torna facilitador-facilitando e facilitando-facilitador.

Uma ótica dialética do processo terapêutico coloca, também, em cheque, algumas características do modelo rogeriano de psicoterapia enquanto intervenção para a mudança positiva da personalidade. Sendo o confronto entre os opostos o motor da mudança, o papel do terapeuta não mais limita-se a proporcionar um ambiente propício para que o desenvolvimento ocorra por si só, sem impedimentos, guiado pela tendência à autorrealização do cliente conforme o mesmo reorganiza as experiências disponíveis à sua consciência e modifica sua personalidade. Em vez disso, o papel do terapeuta passa a ser a presença genuína enquanto parte da relação, dispondo-se enquanto Outro, permitindo-se ser afetado, de forma a, em momentos seletos, borrar a linha entre sua posição e a do cliente, tornando-se facilitador-facilitando.

Esta posição única em que encontra-se o facilitador-facilitando apoia-se no “salto de fé” que é o amor. A partir da decisão de que consiste o amor verdadeiramente vivido na relação, esta aposta na capacidade de realização do facilitando-facilitador, pode dar-se início à existência da relação que proporciona a supressão das condições que a criaram.

Considerações Finais

Este artigo consistiu em algo que caminha uma linha tênue entre uma empreitada de apropriação metacientífica dos conceitos de Carl Rogers, e um tratado de psicologia filosófica. Seu principal objetivo consistiu na definição de pontos de contato entre as duas teorias, buscando criar campo fértil para produções posteriores, e apresentar uma possibilidade de avanço para a Abordagem Centrada na Pessoa enquanto paradigma teórico.

Primeiramente, tratamos de compreender e criticar o lugar de distanciamento silencioso que a Abordagem Centrada na Pessoa ocupou perante o marxismo, constatando uma inconsistência entre o projeto revolucionário que Rogers esposava e sua distância absoluta do ideário marxista. Tendo isso em vista, observamos as consequências negativas de tal distanciamento para a proposta da Abordagem Centrada na Pessoa enquanto projeto ético-político de realização humana.

No interesse de atravessar a lacuna conceitual entre Rogers e Marx, realizamos uma exposição do conceito marxista da pessoa, articulando-o em relação ao conceito rogeriano. Constatamos, em sequência, que o marxismo e a psicologia de Rogers têm em comum às suas visões de pessoa um caráter processual, socialmente integrado e ativo perante o ambiente ao seu redor, bem como uma perspectiva revolucionária do papel do ser humano perante a sociedade, visando sua transformação.

Finalmente, deu-se uma análise dialética do processo terapêutico enquanto relação humana, onde compreendemos o movimento relacional terapêutico em termos de uma crítica imanente da própria relação terapêutica enquanto objeto em movimento.

Atentamos para o fato de que a possibilidade de uma interpretação marxista, acima de tudo dialética, da Abordagem Centrada na Pessoa também traz consigo um sem-nome de questionamentos subsequentes, que, talvez, sejam mais interessantes do que o próprio corpo deste artigo poderia ser.

Poderíamos, por exemplo, sob um ponto de vista dialético, conceber o conceito de uma tendência ao crescimento autônomo, como presente na obra tardia de Rogers? Ou seria mais interessante discutir o crescimento do indivíduo em termos relacionais?

No que tange à personalidade de um indivíduo, fora de um *setting* terapêutico, seríamos também obrigados a considerar, por exemplo, a motivação enquanto paradigma basilar do humanismo desde Maslow. Em vez de atribuí-lo somente à tendência natural à atualização, um olhar dialético estaria compelido a observar tal fenômeno através do prisma da contradição pessoal de cada indivíduo, tendo-a como força motriz de seu crescimento autônomo, bem como motivadora de seus confrontos e interações com a realidade, com o mundo do qual, inexoravelmente, faz parte. Todavia, como dar-se-ia tal crescimento em efetivo?

A valorização da contradição como motivador permitir-nos-ia, ainda, arriscar um potencial quebra com a visão homeostática sobre a qual o conceito inicial de organismo encontra-se calcado, e que influencia o conceito de tendência à auto-realização em Rogers (Castelo Branco, 2019). Quais seriam as consequências desta quebra?

De fato, as implicações completas da adoção de uma perspectiva dialética enquanto meta-epistemologia para a visão de mundo da abordagem centrada na pessoa ainda são desconhecidas, e, portanto, urge produções posteriores. Todavia, representam, também, uma possibilidade animadora para pensar uma ACP mais socialmente envolvida, radical e comprometida com o projeto humanista de libertação do oprimido.

Referências

ATAÍDE, G. **Hegel, Marx e o método dialético**. A Verdade, 2016. Disponível em: <<https://averdade.org.br/2016/08/hegel-marx-e-o-metodo-dialetico/>>. Acesso em: 13 jun. 2024.

CARONE, I. A dialética marxista: uma leitura epistemológica. In: LANE, S.T. M. & CODO, W. (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CASTELO BRANCO, P. C.; MONTEIRO, P. S.; FELIX, L. M. Diálogo entre os métodos educacionais de Paulo Freire e Carl Rogers. **Perspectivas em Psicologia**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. DOI: 10.14393//PPv20n2a2016-07. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/37218>. Acesso em: 26 jun. 2024.

CASTELO BRANCO, P. C. **Fundamentos epistemológicos da Abordagem Centrada na Pessoa**. Rio de Janeiro, Via Verita, 2019.

CASTELO BRANCO, P. C.; CIRINO, S. D. Carl Rogers e a recepção da fenomenologia na psicologia estadunidense. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 38, p. e38405, 2022.

CASTELO BRANCO, P.C.; CIRINO, S.D. Reflexões sobre a consciência na fenomenologia e na abordagem centrada na pessoa. In: Castelo Branco, P. C. (org.). **Relações entre Carl Rogers e a Fenomenologia**. Porto Alegre: Fi, 2023a. p. 69-99.

CASTELO BRANCO, P.C. Revisão dos aspectos monadológicos da teoria de Carl Rogers a luz da fenomenologia social. In: Castelo Branco, P. C. **Relações entre Carl Rogers e a Fenomenologia**. Porto Alegre: Fi, 2023b. p. 129-160.

COOPER, M. Socialist humanism: a progressive politics for the twenty-first century. In: G. Proctor, M. Cooper, P. Sanders & B. Malcolm (org.), **Politicising the Person-Centred Approach: an Agenda for Social Change**. Ross-on-Wye: PCCS Books, 2006. p. 80-94.

ENGELS, F. **Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring**. São Paulo, Boitempo, 2015.

FAUSTO, R. **O Capital e a Lógica de Hegel: Dialética marxiana, dialética hegeliana**. São Paulo, Editora Unesp, 2021.

FEITOSA, E. A. L.; CASTELO BRANCO, P. C.; VIEIRA, E. M. Notas sobre a visita de Carl Rogers ao Brasil: uma revolução silenciosa. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 777-795, maio 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000200020&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jun. 2024.

FONSECA, A. B. de H. **Psicologia humanista e pedagogia do oprimido: um diálogo possível?**. Petrópolis, 1983. (Manuscrito).

FREIRE, C. Retrospectiva crítica da obra de Carl Rogers: da “Terapia do relacionamento” À intuitividade dos “Momentos de movimento”. In: **Rev. de Psicologia de Fortaleza**, v. 6, n. 1, p. 53-79. 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio De Janeiro; São Paulo: Paz E Terra, 2019.

FROMM, E. A Natureza do Homem. In: FROMM, E. **O conceito marxista do homem**. 3ª edição. p. 34-50. Rio de Janeiro, Zahar, 1964.

GADOTTI, M. A dialética: concepção e método in: **Concepção Dialética da Educação**. 7 ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1990. p. 15-38.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo, Scipione, 2006.

GUEVARA, E. C. **Obras Escolhidas**. Recife, Edições Manoel Lisboa, 2022.

KINGET, G. M. O método não diretivo in: ROGERS, C. R. & KINGET, G. M. **Psicoterapia e Relações Humanas**, vol. 1. p. 23 - 135. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

LANE, S. T. M. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In: LANE, S.T. M. & CODO, W. (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**, p. 10-19. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.

LAVOURA, T. N. A dialética do singular-universal-particular e o método da Pedagogia Histórico-crítica. In: **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, p.4-18, Mai./Ago., 2018. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i2.6044.

LETHBRIDGE, D. A Marxist Theory of Self-Actualization. In: **Journal of Humanistic Psychology**, 26 (2), p. 84-103, 1986.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. In: FROMM, E. **O conceito marxista do homem**. 3.ed. p. 87-233. Rio de Janeiro, Zahar, 1964.

MENDONÇA DE MOURA, G. O problema da essência humana em Marx. **Argumento**, Salvador, n. 15, p. 40-51, 2019.

MOREIRA, V. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. In: **Estud. psicol.** v. 27, n.4, Campinas. Dez. 2010.

MOREIRA, V.; LANDIM, L. B.; ROMCY, G. S. John Keith Wood e a abordagem centrada na pessoa no Brasil. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 63-70, jun. 2014.

LEITÃO, V. M. Liberdade em Carl Rogers. **Educação em Debate**, Fort. 19-20, p. 89-98, jan./dez. 1990

O'HARA, M. M. Paulo Freire e Carl Rogers. In: MOACIR GADOTTI (Ed.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**, São Paulo, Cortez Editora, 1996. p. 593-595.

REPA, L. A essência da crítica: sobre o limiar da crítica imanente em Hegel. In: **Discurso**, v. 49, n. 2, pp. 269-285. 2019.

ROGERS, C.R. Teoria e Pesquisa in: ROGERS, C. R. & KINGET, G. M. **Psicoterapia e Relações Humanas**, vol. 1. p. 143-273 Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

ROGERS, C. R. Inside the World of the Soviet Professional. In: **Journal of Humanistic Psychology**, v. 27, n. 3, p. 277-304, Jul. 1987.

ROGERS, C. R. Do We Need "A" Reality? In: KIRSCHENBAUM, H. & HENDERSON, V. L. (org.). **The Carl Rogers Reader**. p. 420-429. S.l., Robinson, 1990.

ROGERS, C. R. **Grupos de Encontro**. 9ª ed. São Paulo, Martins Fontes. 2009a.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo, Martins-Fontes. 2009b.

ROGERS, C.R. Pessoas ou ciência? Uma questão filosófica. In: WOOD, J. (org.). **Abordagem Centrada na Pessoa**. 6ª ed. São Paulo, Companhia Ilimitada. 2020.

ROGERS, C. R. A. Abordagem Centrada na Pessoa e o Oprimido. in: ROGERS, C.R. **Sobre o poder pessoal**, 5ª ed., p. 121-131. São Paulo, Martins Fontes. 2022a.

ROGERS, C. R. A pessoa emergente: Ponta de lança da revolução silenciosa. in: ROGERS, C.R. **Sobre o poder pessoal**, 5ª ed., p. 287-319. São Paulo, Martins Fontes. 2022b.

SAWAIA, B. B. Teoria laneana: a univocidade radical aliada à dialética-materialista na criação da psicologia social histórico-humana. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. spe2, p. 81-89, 2007.

WOLF, A. **Dialectics**: An introduction. The Empyrean Trail, 12 set. 2016. Disponível em: <<https://empyreantrail.wordpress.com/2016/09/12/dialectics-an-introduction/#dialdev>>. Acesso em: 13 jun. 2024

WOOD, J. K., (org.), **Abordagem Centrada na Pessoa**. 6ª ed. São Paulo, Companhia Ilimitada. 2020.

Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – ISSN: 2595-0959, V. 8, N. 1, 2025

Conflito de interesses

Não há conflito de interesse

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: *GFCN*

Redação do manuscrito original: *GFCN*

Curadoria de dados: *GFCN*

Análise de dados: *GFCN*

Redação textual: *GFCN*

Supervisão: *GFCN*

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação, ética e consentimento

Não se aplica.
